

XIII

LEMBRANÇAS COTIDIANAS: ENTRE EDUCAÇÃO E MEMÓRIAS: “NOVAS JANELAS PARA A MATURIDADE”

Jussara Tânia Silva Moreira

Evely Oliveira

Laís de Jesus Santana

Introdução

Este capítulo nasceu da pesquisa e ações desenvolvidas durante a nossa trajetória no transcorrer de dois anos da aplicação do Projeto de Ensino, ao qual foi titulado por “*Lembranças Cotidianas: construção com as memórias dos/as alunos/as da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI)*”¹ - da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, onde nos aproximamos de pessoas com faixa etária de cinquenta (50) a setenta (70) anos de idade. Isto nos possibilitou discutir as questões relacionadas à diversidade etária em sua relação com a escolarização básica e/ou superior da pessoa idosa.

Como Projeto de Ensino, buscou investigar a política de educação superior voltada para a pessoa idosa, não com a intenção de mostrar esse fazer como uma ocupação acadêmica, mas pensada dentro de uma ação política de interação com o mundo social, cultural, simbólico e econômico. Ao adentrar pela memória dessa educação evidenciamos que, como outras diversidades, existe uma diversidade etária tão relevante e igualmente pertinente, independentemente do gênero, da raça, das sexualidades e ou da religião.

Isto significa reconhecer que a diversidade etária tão presente no mundo contemporâneo faz parte de todos os grupos sociais, por essa razão, precisamos atentar, como mostra Freire (1986), que fazer educação exige a construção de uma concepção libertadora e conscientizadora, não separando os fatos vividos daquilo que deve ser exigido como política pública educacional.

Foi desta premissa citada que iniciamos, em 2022, os estudos acerca das abordagens teórico-metodológicas da memória, onde se tomou como referência os estudos de Halbwachs (2013), para além da perspectiva dura e positivista, ao remeter-se às lembranças vivas e presentes dos espaços escolares ou da universidade. Isto implica em saber que ao buscar conhecer as lembranças dos (as) alunos (as) da UNATI, foi por acreditar que essas são “lembranças que permanecem coletivas” (Halbwachs, 2006, p. 30), já que o ato educacional em si não pode ser considerado intrinsecamente individual.

Existe uma interligação entre o conceito de memória, lembrança e educação, os quais estão impregnados dos paradigmas temporais e espaciais que (re)produzem os comportamentos conservadores, mas também modificadores das relações sociais. As lembranças, para além dos lugares físicos, trazem as mais variadas influências sociais, simbólicas, econômicas e culturais.

¹Projeto de Ensino de Autoria de Jussara Tânia Silva Moreira, Edital UESC N° 30/2022 e Edital UESC N° 06/2023, Programa de Iniciação à Docência – PID (PROGRAD).

Nesse aspecto, em “lugares de memória”, Nora (1993) mostra a diferença entre a Memória e a História, chamando a atenção para o fato de que existe uma história da história e esta não pode ser vista como algo inocente. Logo, a intenção é romper com “a história que só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas, [para buscar] a memória que é um absoluto” (Nora, 1993, p. 09) e, assim, romper com os padrões impostos pelo poder do capital econômico e do capital cultural.

Preconiza-se, assim, que um dos aspectos mais relevantes do Projeto de Ensino foi que, ao buscar pelas lembranças dos(as) discentes da UNATI, através das “Memórias Coletivas”, acabou por também compreender o fazer educacional ocorrido dentro da Educação de Jovens, Adultos e Pessoas Idosas (EJA - I) do eixo Ilhéus/Itabuna.

Além de Halbwachs (2013) e Nora (1993), também foi oportuno dialogar com Bosi (2010), Bernardo (2007), Moreira (2016), Bourdieu (2007; 2007a; 2003; 2002) entre outros autores que, no transcorrer do processo, possibilitou os saberes acerca da memória e da organização social, bem como, da constituição política educacional e da formação da identidade profissional do Ser-Professor.

A partir dessa formação identitária, aconteceu o nascimento do diálogo entre a teoria e a prática, tanto na sala de aula quanto no conjunto de atividades desenvolvidas junto aos(as) alunos(as) da UNATI, o que oportunizou a proponente do Projeto de Ensino e aos bolsistas o vivenciar o ensino a partir da realização da pesquisa. Este princípio traz a autonomia para o ensino e possibilita, ao nosso olhar, o caminhar pelo fazer da docência longe das visões fragmentadas do conhecimento científico.

Nesse sentido, a construção das memórias coletivas, além de permitir o encontro intergeracional entre licenciados(as) e (as) alunos(as) da UNATI, ainda mostrou as vozes dos sujeitos locais em suas participações sociais, comumente silenciadas. As memórias coletivas emergidas do chão das salas de aula da UNATI oportunizaram romper com estereótipos, que se encontram engessados na sociedade do Sul da Bahia, tão propagados pelo sistema capitalista de que o envelhecimento é algo negativo, ligado ao desconhecimento, a improdutividade e a desatualização.

Ao ressignificar as “histórias dos velhos”, como assinala Bosi (2010), convertemos as narrativas subalternas em histórias reais, onde as questões cotidianas entrelaçadas com as lembranças ratificam os valores, as crenças e as visões de mundo (re)produzidas dentro do universo social. Além disso, quando se trata da instituição de ensino, no que se refere à formação educacional das pessoas idosas, encontra-se previsto pela Lei N° 8.842/1994, que é necessário a adequação das Universidades Públicas para o atendimento desse público alvo.

Dentro dessa proposição, objetivamos construir, através das narrativas das alunas do Programa da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI), as memórias acerca do processo educativo das pessoas idosas no Sul da Bahia. Nesse quesito compreendemos a importância de se debater a diversidade etária e para tal, dentro da perspectiva da abordagem qualitativa, tomamos como instrumento metodológico as memórias dos(as) alunos (as) da UNATI.

A Universidade Aberta À Terceira Idade

A Lei N° 8.842/1994 ao se referir às políticas nacionais, especificamente no Capítulo IV, “das ações governamentais”, no artigo 10, inciso III, trata dos assuntos que diz respeito

à educação, evidenciando a exigência da adequação das Universidades Públicas voltadas também para atender a pessoa idosa (BRASIL, 1994). Dez anos após a criação desta Lei, surge no Sul da Bahia, na Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), o Projeto de Extensão: “*A Universidade Sem Fronteiras: a terceira idade*”, de autoria da Professora Raimunda Silva d'Alencar, do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas, via Resolução CONSEPE N° 03/2004. Foi a partir desse projeto extensionista que surgiu a criação da Universidade Aberta à Terceira Idade (UESC, 2004).

Ao trazer as múltiplas ações para oportunizar a melhoria da qualidade de vida para a pessoa idosa, a UNATI buscou estabelecer os elementos geradores da promoção da autoestima, da sociabilidade, da integração e da troca de experiências intra e intergerações, através do acesso aos recursos educacionais e socioculturais existentes na Universidade.

Isto significa que a lembrança e a identificação dos acontecimentos e das vivências são construídas e compartilhadas “como se uma mesma experiência fosse recomeçada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias” (Halbwachs, 2013, p. 25). Ao reportar as falas dos(as) educadores/educadoras e dos(as) alunos e alunas da UNATI se referindo a esse espaço como aquele que possibilita e ressignifica uma nova maneira de viver, percebemos que a educação ofertada na UNATI/UESC traz um sentido de pertencimento.

Porém, se for tomada a construção da representação que o envelhecimento tem na sociedade brasileira, caímos naquilo que o Bourdieu (2002) classificou por *habitus* produtor e reproduzidor da estrutura social, simbólica e cultural, vislumbrado muitas vezes apenas dentro de uma conjuntura histórica. O *habitus* pode ser visto como um resultado organizador dentro da ação social, pois tendo um mesmo *modus operandi*, “(re)produz a disposição durável e transferível [que é a própria] retradução simbólica de diferenças, objetivamente inscritas nas condições de existência” (Bourdieu, 2003, p. 73).

Pelo estabelecido na Política Nacional do Idoso (PNI), Lei N° 8. 842, de 4 de janeiro de 1994 e no Estatuto do Idoso, Lei N° 10.741, de 1° de outubro de 2003, são pessoas idosas aquelas que se encontram acima dos sessenta (60) anos de idade (Brasil, 2003; 1994). Acrescentamos ainda que a expectativa de vida no Brasil, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), está em torno dos setenta e seis anos e oito meses (76,8) (IBGE, 2020). Nessa idade, supostamente os filhos já cresceram, casaram e construíram suas próprias famílias, conseqüentemente, muitas pessoas idosas residem em casas de repouso, outros sofrem com o abandono familiar e o descaso político, o que agrava a falta de respeito às necessidades de saúde, afligindo essa etapa da vida. Logo, o sentido de pertencimento citado anteriormente, encontra-se voltado para o sentido de se sentirem incluídos no aparato Estatal.

Dentro desse aparato se encontra a educação, o que não significa que a UESC esteja cumprindo com os múltiplos desafios, aos quais vão desde o lidar com o problema da saúde física e emocional, o direito de utilizar os transportes públicos, até a existência de uma presença ainda invisibilizada quando se trata do convívio com as novas gerações de estudantes. Nesse quesito, como mostra Barros (2021), romper com modalidades de educação escolar que priorizam os processos de certificação dos estudantes em detrimento ao acesso ao conhecimento, ainda é um árduo caminho para se chegar ao projeto de humanização, tão defendido por Freire.

Freire, ao abordar o inacabamento humano, em “*Pedagogia da Autonomia*”, destaca a origem da necessidade da educação em sua dimensão política, afirmando que “a raiz mais

profunda da politicidade da educação se acha na educabilidade mesma do ser humano, que se funda na sua natureza inacabada e da qual se tornou consciente" (1996, p. 42). Dessa maneira, a educação não deve ser vista apenas como um privilégio das gerações jovens, mas sim como um direito de todos, tal política é encontrada na criação da UNATI, mesmo que ainda seja um pontapé tímido voltado para a educação da pessoa idosa diante da realidade brasileira.

O Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI) foi o primeiro programa brasileiro voltado para compreender os processos pelos quais passam as pessoas idosas. Reconhecido como extensão universitária, originou-se na Universidade Federal de Santa Catarina, através da Portaria nº 0484/GR/83, pelas iniciativas das professoras Neusa Mendes Guedes e Lúcia Hisako Takase Gonçalves, um ano após a *Primeira Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento*, realizada em Viena, em 1983, (NETI, 2007). Ademais, é na década dos anos de 1990 que surge um grande impulso da extensão universitária e de programas de outras instituições voltadas à terceira idade.

Tomando essa experiência e o marco que no Brasil foi trazido pelo Estatuto da Pessoa Idosa (Lei Nº 10.741), começou nas universidades brasileiras a se buscar a construção da cidadania, na promoção da cultura e no estímulo ao lazer criativo à pessoa idosa. Por certo, surge a missão da UNATI em priorizar as habilidades e talentos das pessoas idosas, por meio da implementação de diversas atividades (UESC, 2004).

É nesse sentido que a UNATI/UESC, vinculada diretamente à Reitoria e administrativamente à Pró-Reitoria de Extensão, como projeto/programa permanente vem desde 2004 oferecendo diversas atividades às pessoas com mais de 50 anos, por meio de disciplinas, oficinas e palestras, que ocorrem de Segunda a Sexta-feira, nos períodos da manhã e da tarde. Na UNATI/UESC não existe um currículo pré-determinado, cada aluno ou aluna, previamente matriculado (a), constrói seu próprio histórico escolar de acordo com seus interesses e desejos, mesmo que ainda sejam direcionados pelos conteúdos propostos.

Mediante ao exposto, consideramos ainda que, a educação enquanto campo, assume não somente uma representação ideológica e prática, mas também, “reforça a força material ou simbólica possível de ser mobilizada por um grupo social e [...] permite a legitimação de todas as propriedades características de um estilo de vida” (Bourdieu, 2007, p. 35).

Necessita-se então da percepção/representação quando se trata da construção da memória coletiva no cotidiano das pessoas, onde deve ser tomado como premissa que: em primeiro lugar essa construção não é operada num vazio social, está submetida a coações estruturais; segundo, as estruturas cognitivas também são socialmente estruturadas, porque tem uma gênese social; e, terceiro, a construção da realidade social não é somente um empreendimento individual, podendo também tomar-se um empreendimento coletivo. Cabe, nessa existência, perceber a ação sutil, constituída e que permite compreender a posição de um indivíduo ou grupo social.

O Percorso Metodológico da Pesquisa

A escolha por se fazer uma pesquisa requer do investigador um método do saber científico. Assim, problematiza-se: quais as repercussões das políticas públicas da UESC para a vida educacional dos participantes do programa da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI)? A partir dessa questão, queremos desvelar, através dos testemunhos das alunas,

as políticas públicas de inclusão educacional voltados às pessoas idosas na Região Sul do Estado da Bahia, mas também investigar como acontece o convívio intergeracional entre alunos/alunas da UNATI e os(as) alunos/alunas das graduações regulares da Universidade.

Diante desse desafio, essa pesquisa, de cunho exploratório, tem como base a abordagem qualitativa, cuja própria natureza, por abrigar segundo Chizzotti (2006, p. 81), as diversas correntes de pensamento, permite ainda, “observar os fenômenos sociais, culturais e históricos fora das dualidades”, especialmente, aquelas que separam as objetividades científicas das subjetividades humanas. Sendo assim, torna-se necessário compreender que a busca investigativa não deve visar uma homogeneidade, mas sim, a diferenciação e a especificidade que, geralmente, é encontrada dentro de cada universo social.

Uma das perspectivas metodológicas que pode ser usada em uma abordagem qualitativa é buscar pelas memórias das pessoas que estão envolvidas em um determinado contexto social, em outras palavras, Chizzotti, tomando o princípio de Nora (1993) sobre a memória, indica que esta não pode ser a mera descrição de um acontecimento, ela contém a subjetividade do relato revelador das causas e efeitos dentro dos contextos sociais, percebe-se na coleta de um testemunho, um “dos diferentes tipos de instrumentos metodológicos, que permite alcançar informações não registradas ou inacessíveis” (2006, p.106-107).

Nesse sentido, tomamos como exemplo aquilo que foi revelado por Bosi (2010) e Bernardo (2007), que ao fazerem a opção pelo estudo da memória demonstraram que o interessante são as situações vividas, “embora possa parecer insignificantes à primeira vista, após análise poderão se mostrar plenos de significados (Bernardo, 2007, p. 29). Ao afirmar a utilização da memória como recurso metodológico, Moreira (2016, p. 26) aponta que “a memória ao ser socialmente construída, carrega em si os conhecimentos adquiridos, [...] porque se encontra encravada na memória a referência do passado, sem necessariamente romper com a realidade da vida atual”.

Ressalta-se, assim, que as memórias coletivas trazem uma riqueza imensurável para qualquer pesquisa, uma vez que fazem parte da vida cotidiana e oferecem veracidade aos fatos, levando em conta as subjetividades humanas (Moreira, 2016). Isto significa, que, ao conhecer a voz de um grupo específico ao qual se deseja investigar, encontra-se na memória uma dimensão que dificilmente poderá ser alcançada por outro instrumento metodológico, pois, ela (a memória) assinala um caminho das transmissões das experiências, que envolvem, tanto o registro de uma memória pessoal, como também, o registro de uma memória coletiva, social, familiar e grupal (Bernardo, 2007; Moreira, 2016).

Todavia, deve-se saber que o estudo da memória não é uma “proposta de amostragem: o intuito [estar em] registrar a voz e, através dela, a vida e o pensamento de seres que já trabalharam por seus contemporâneos e por nós” (Bosi, 2010, p.37). O que socialmente está em jogo são combinações de influências sociais, que por serem numerosas representações, jamais revelará, apenas a nossa vontade individual. Igualmente, tomando como parâmetro, que a memória coletiva (pensamento grupal) revela a memória pessoal (pensamento individual), ela se converte em um método, uma bússola, um direcionamento e a guia da investigação (Bosi, 2010; Bernardo, 2007; Moreira, 2016).

Nesse processo, o que nos interessa é que a memória, como recurso metodológico, cabe o título de “Mestre do ofício” (Bosi, 2010, p. 91). E sendo assim, para selecionar os nossos recordadores, no ano de 2022, em primeiro lugar, foram elaboradas oficinas com as presenças dos professores, bolsistas e alunos/as da UNATI. Dentre as oficinas propostas,

uma abarcou o grupo das “*Cirandeiras*” no “*Construindo Janelas para a Maturidade*”; títulos estes idealizados pela Professora Maria Aparecida Aguiar, professora do Departamento de Ciências da Educação (DCIE), da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Coordenadora Pedagógica da UNATI e colaboradora do Projeto de Ensino supramencionado, que sempre nos auxiliou na construção do grupo de trabalho.

O grupo de trabalho para a pesquisa foi constituído por 3 (três) mulheres, que fazem parte das “*Cirandeiras*”, da turma de sala de aula “*Novas Janelas Para Maturidade*”. A opção por este grupo levou em consideração que suas participantes vivenciam o currículo da UNATI desde o ano de 2011, sendo o grupo mais antigo da UNATI. Estas participantes em seus testemunhos mostraram cenários do passado e do presente educacional, oportunizando nos encontros compreendemos muitos aspectos da educação na Região Sul da Bahia.

Nossa coleta de dados, somente foi possível pela aproximação nas salas de aulas com as *Cirandeiras*. Ao final de seis (6) meses de encontros começamos a adquirir a confiança e assim fomos nos aproximando das nossas recordadoras/*cirandeiras*; a fim de preservar as identidades das mesmas, optamos por apresentá-las com os nomes fictícios de *Margarida, Rosa e Camélia*. Cabe ainda registrar que houve autorizações prévias para recolher, editar e publicizar suas memórias em pesquisa científica.

Dentre as várias técnicas de análise de dados optamos pela categoria analítica que segundo Minayo (2004, p. 93 - 94) “são aquelas que retém as relações sociais fundamentais e podem ser consideradas balizas para o conhecimento do objeto nos seus aspectos gerais”. Dessa forma, para se efetuar a análise dos dados elencamos, a priori, os seguintes blocos discursivos: Memórias e Educação: fatos marcantes da vida escolar; Memória e Trabalho: um olhar sobre o envelhecimento; e, Memória e Pertencimento: o presente da política-educacional da UNATI.

E A Vida Continua... De Lembrança a Lembrança nasce a memória da Universidade Aberta À Terceira Idade

A memória se constrói em sociedade, ou seja, as nossas relações interpessoais colaboram intrinsecamente com a construção das memórias do nosso grupo. No passado, quando vivemos uma situação em conjunto com grupo ao qual fazemos parte e precisamos evocar tal recordação, primeiro recorreremos a nossa lembrança individual do passado, logo,

[...] fazemos apelo aos testemunhos para fortalecer ou debilitar, mas também para completar, o que sabemos de um evento do qual já estamos informados de alguma forma, embora muitas circunstâncias nos pareçam obscuras. Ora, a primeira testemunha, à qual podemos sempre apelar, é a nós próprios (Halbwachs, 2013, p. 25).

Na vida em sociedade fazemos parte de diversos grupos sociais, familiares, políticos, religiosos etc., e esses grupos geram influências tanto no comportamento humano, quanto em sua cultura, bem como na construção e reconstrução de nossa memória. Por conseguinte, a possibilidade de existência de uma memória estritamente individual e sem influência do mundo externo se conceberia em total isolamento, o que torna o indivíduo incapaz de recordar, pois sozinho não consegue sustentar suas recordações.

Para resolver esse impasse, Halbwachs aborda a memória individual como o fruto da memória coletiva, isto é, um pequeno fragmento do que realmente é a memória coletiva, pois ao vivermos em sociedade somos impactados pela influência do outro: Isto acontece “porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem” (2013, p. 30).

Por ser produzida por seres humanos, a memória é um recurso suscetível a influências, mudanças, lacunas e falhas, diferentemente da memória histórica que escreve a história de forma que atenda aos interesses de quem a escreve, sem lacunas e sem falhas. Acerca da distinção entre memória e história, Nora (1993, p. 9) afirma que “no coração da história trabalha o criticismo destruidor da memória espontânea”, portanto, “a memória sempre é suspeita para a história, cuja verdadeira missão é destruí-la e a repelir”.

A memória que cede lugar à história, passa a ocupar um lugar sagrado, no passado. Essas transformações que a memória pode sofrer decorre do fato dela ser viva, portanto está em constante movimento. Para Bosi (2010) esse fator não é muito preocupante, o “mais importante é dar voz aos que foram emudecidos pela história” (p. 38), afinal de contas, a narrativa trazida pela história já é conhecida, mas as situações vividas, mesmo que pareçam insignificantes à primeira vista, são o que dão significados ao que Bernardo (2007) vai chamar de “substâncias das memórias”, que nos possibilita refundir as identidades, conhecer as histórias, conhecer o que ainda não foi explicitado, sobretudo quando se trata da educação de pessoas idosas. Assim, para compreender a UNATI como sendo uma política pública da diversidade etária cabe verificar a:

I) Memórias e Educação: fatos marcantes da vida escolar

Ao recordar os fatos marcantes da vida escolar, nossas recordadoras reconstróem seu passado, permitindo-nos entender que as questões econômicas foram fatores determinantes para o acesso à escola, permitindo entender que nem sempre “foi tão fácil ter uma educação sistematizada”. Assim em suas vozes:

Eu cheguei a ser matriculada, a minha escola ficava [...] a sala [de aula] isolada era multisseriada, da primeira à quarta série, todos reunidos numa sala só, os da quarta ajudava os da primeira e por aí ia. Eu era menininha preta e ninguém queria me ajudar, eles não gostavam de preta, feia e pobre (Margarida, 2022).

Margarida destaca dois pontos fundamentais que existiram no passado no Sul da Bahia: a sala de aula multisseriada como modelo de escola para as pessoas sem recursos financeiros e a condição étnico-racial como fator preponderante para sua invisibilidade. Atualmente, a sala multisseriada faz parte da realidade da educação do campo, que “pode ser caracterizada por um conjunto de séries dentro de uma única sala de aula” (Arroyo, 2004, p.81). Surgiu em uma contextualização “rural”, mas com fundamentação urbana, recebendo influências da industrialização que estava em pleno vapor na década de 1940. Seguindo a mesma organização da seriação e planejamento, mudando apenas a forma como esse ensino é transmitido, já que um único professor fica responsável por uma turma heterogênea em diferentes níveis de idade e conhecimento (Arroyo, 2004).

Essa escola multisseriada, além de enfrentar adversidades relacionadas à condição de seu funcionamento, ainda lida com a visão estereotipada de que a heterogeneidade (alunos com idades e anos escolares diferenciados) é um obstáculo à educação (Hage, 2005). Nesse aspecto, a primeira reação é classificar o ensino com a famosa frase da “falta de qualidade”. O que conduz a ser julgado também a aprendizagem das crianças e jovens como inferior, provocando a desvalorização tanto dos professores como dos alunos (Hage, 2005).

Tal condição negativa, historicamente construída, foi incorporada pela sociedade e, particularmente, pelos próprios professores e estudantes pertencentes a essa realidade. Diante desse cenário, [...] Os professores se sentem angustiados e ansiosos, demonstram insatisfação, preocupação, sofrimento [...] perdidos, impotentes para cumprir as inúmeras tarefas administrativas e pedagógicas (Hage 2005, p. 101). Essas dificuldades na atualidade já são questionadas, pois já existem as discussões que assinalam que o problema não é a sala de aula multisseriada, mas a falta de preparação da formação inicial e continuada dos professores para lidar com esse modelo de escola.

Outro aspecto que Margarida traz que não pode passar despercebido é a questão da identidade e a sua invisibilidade por ser negra. A sociedade brasileira possui uma estrutura racista e a predominância de um Estado que, nunca procurou de fato, cumprir com a reparação histórica, econômica e social em relação à população negra. Sempre existiu um lugar do negro na sociedade marcado pela exclusão aos direitos sociais básicos. Este cenário vai gerar para as pessoas negras uma dificuldade em construir as suas identidades. Mas sabemos que “a identidade é para os indivíduos a fonte de sentido e experiência. [Para tal] é necessário que a escola resgate a identidade dos afro-brasileiros” (Munanga, 2009, p. 8).

Nesse aspecto, foi muito importante a promulgação da Lei Nº 10.639\03 ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica de todo o país. A implementação desta Lei, mesmo encontrando dificuldade no contexto escolar, serviu de arcabouço para as diversas pesquisas acadêmicas, cujo debate acendeu no país a luta por buscar políticas públicas de Estado de combate às questões raciais.

O testemunho de Margarida acerca da história educacional do passado do Sul da Bahia é necessário para que possamos fazer um resgate histórico, da difusão das diversidades, identidade étnica, e, sobretudo de valorização e reparação étnica negada às crianças negras que viviam nesse território. Trata-se de “uma oportunidade histórica de reparar danos, que se repetem há cinco séculos” (Borges, 2010, p. 82). A identificação do racismo e suas práticas exige uma revisitação de todo o percurso histórico com uma nova postura, questionadora e crítica, sobretudo quando se refere às políticas públicas educacionais. Partindo do ponto de vista que toda a interação humana também ocasiona em outro fenômeno, Margarida narra que, naquela sala de aula,

Ninguém me queria lá, só sei dizer que eu falei a meu pai que não queria ficar naquela escola, ele me disse que eu era rebelde, mas na verdade eles não queriam me ensinar, as pessoas sempre me rejeitavam. Aí o meu pai me tirou, [...] fui para outra escola, comprei um abc, primeiro aprendemos o abc e depois a cartilha, aí a partir da primeira semana que eu cheguei, aprendi logo o abc e a professora mandou meu pai comprar a cartilha. Aprendi com a maior facilidade, já tinha 10 anos, era fora da idade normal, meus avós eram analfabetos, meus pais eram analfabetos, meu pai era analfabeto e minha mãe era analfabeta, mas eu aprendi e olha onde estou hoje, na Universidade (Margarida, 2022).

A recordação desses fatos se baseia em lembranças, como mostra Halbwachs (2013), que se transformam em semente de rememoração ou uma lembrança viva acerca das concepções sociais, evidenciando que o convívio na escola provoca sempre algum tipo de recordação. Através desse testemunho, percebemos o contentamento da nossa interlocutora ao narrar o fato de ter sido alfabetizada, rompendo com um quadro de analfabetismo que assolava sua família por gerações. Essa ruptura, ainda que tardiamente, serve, de acordo com Freire (1996), como um “ímpeto natural possível e necessário. [...] A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica” (p. 36-38).

O que interessa no testemunho de Margarida é perceber o poder, presente no desenrolar das histórias de vidas dos homens e das mulheres do Sul da Bahia, poder este que foi gerador da divisão social. É nesse ponto que o *habitus* produz a filiação de indivíduos e o jogo social se faz existir dentro das realidades práticas, pois “as formas de classificação originárias, devem sua eficácia própria, ao fato de funcionar aquém da consciência e do discurso [...]. Além disso, envolvem os princípios mais fundamentais da construção e avaliação do mundo social” (Bourdieu, 2007a p. 434).

Vejamos outra perspectiva sobre educação através das memórias de Rosa, uma mulher de sessenta e cinco anos (65) que recorda:

Então eu cresci acreditando que tudo seria melhor e realmente está mudado, nós não tínhamos luz elétrica, hoje temos, nós não tínhamos água encanada, hoje nós temos, não tínhamos TV, não tínhamos rádio, então tudo vai evoluindo. Existem hoje também as facilidades, existem as melhoras, por exemplo, no meu tempo não existia faculdade, quem fazia faculdade era filho de rico que ia para Salvador, para capital fazer faculdade porque aqui não existia. A UESC é recente, começou em Itabuna, como Federação das Escolas Superiores de Ilhéus/Itabuna – FESPI, depois dela muita coisa mudou, muitos entraram na Universidade (Rosa, 2023).

Três pontos são cruciais nesse depoimento de Rosa, para se analisar o passado e o presente educacional do Sul da Bahia, são eles: o difícil acesso à Universidade; a importância para a Região da formação da UESC e a mudança na estrutura educacional na Região Sul da Bahia após a fundação de uma Universidade.

Como mostra Halbwachs (2013), é a partir das relações estabelecidas com uma comunidade que formamos os modos de pensamento e a experiência de vida. Portanto, a partir das lembranças de Margarida e Rosa, podemos analisar que existiram dificuldades educacionais na Região Sul da Bahia, que a escola, mesmo que fosse desejada, não era tão acessível assim, mas essa realidade foi modificando com a presença da UESC na Região.

II) Memória e Trabalho: um olhar sobre o envelhecimento

A transição para a aposentadoria e o envelhecimento na sociedade capitalista são contextos complexos que envolvem diversas dimensões, incluindo a construção da memória coletiva e as mudanças na identidade. Em Bosi (2010) é visto que além da velhice ser um destino do indivíduo, ainda é colocada como uma categoria social, tendo um estatuto contingente, pois em cada sociedade se vive de forma diferente. Nesse sentido, o declínio biológico e a sociedade industrial seriam malélicas para a velhice.

Eu acredito que em nível de Brasil, quando você chega aos 60 anos você já é idoso e aí já não presta mais. Não presta para a sociedade, muitas vezes até para família, você não serve mais, entende? Naquele sentido de se fazer 60 anos, não presta porque é velho, mas velho é coisa que se joga fora. Porque a questão do nosso trabalho, é que quando você para de trabalhar, não tem para onde ir, eu que tenho uma família pequena, a família que eu gerei, só tive três filhos e estão crescidos. Os amigos e as amigas nem sempre se aposentam junto com você, nem sempre todo mundo tem a mesma idade para dizer vamos aposentar juntos, não tem isso, aí a gente aposenta e vai indo, vai acabando, a gente não se vê mais (Rosa, 2023).

Esse depoimento de Rosa demonstra a importância que projetos como o da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI) tem na vida dos cidadãos. Isso significa que a UESC, através de um projeto de extensão, oportunizou às pessoas aposentadas a ter uma qualidade de vida, através do acesso aos recursos políticos, educacionais e socioculturais.

Dessa forma, faz valer o que dispõe o Estatuto do Idoso, quando assegura direitos aos idosos, a exemplo do direito à liberdade, ao respeito e à dignidade; direito à moradia digna, à saúde, à vida; a educação, a cultura, o esporte, ao lazer e outros. Quanto à Educação e Cultura, deve ter as oportunidades de acesso (Brasil, 2003). Neste contexto, como um direito a ser cumprido, a UNATI/UESC nasce em 2004 para levar a educação as pessoas acima de cinquenta (50) anos (UESC, 2004).

Como mostra Queiroz e Netto (2007), um dos maiores problemas da pessoa idosa é a solidão, fruto da viuvez, perda de amigos ou aposentadoria, portanto entendemos que uma maneira possível de minimizar os efeitos da solidão é a busca do contato social e do desenvolvimento de novas capacidades e realizações pessoais.

III) Memória e Pertencimento: o presente da política-educacional da UNATI

O Lugar da Memória, segundo Nora (1993), são espaços físicos, objetos ou práticas que servem como pontos de referência simbólica para a memória coletiva de uma sociedade. Esses lugares não são apenas locais físicos, como museus ou monumentos, mas também eventos, rituais, tradições e símbolos que desempenham um papel crucial na preservação e transmissão da memória. Entendemos a UNATI como lugar de pertencimento, como lugar da memória, sobretudo porque a maior parte das atividades desenvolvidas

[...] tem o objetivo de despertar e ampliar o saber criativo das alunas através de atividades artísticas, utilizando os meios das artes, para melhorar também a acuidade sensorial e a coordenação motora, descobrir e desenvolver novas formas de expressão artística, fornecer conhecimentos e técnicas de artes plásticas, desperta o interesse pelos valores artísticos através da exploração da sensibilidade e do sentimento estético (Camélia, 2022).

No sentido trazido por Camélia, a UNATI se transforma em um espaço de interação social e colaboração, onde o compartilhamento de interesses artísticos também cria laços entre as cirandeiros, promovendo um senso de pertencimento ao grupo, sendo também essa uma maneira de construir as memórias coletivas. É interessante destacar que essas atividades acabam sendo duplamente utilizadas pelo processo pedagógico e, muitas vezes, como atividade econômica, pois estas atividades carregam o objetivo de restaurar a autoconfiança

nessas mulheres, criando perspectivas de atividades lucrativas. Sobre esse aspecto, Bosi (2010, p. 80) acrescenta que “nossas faculdades, para continuarem vivas, dependem de nossa atenção à vida, do nosso interesse pelas coisas, enfim dependem de um projeto”.

Então a UNATI, de certa forma, foi uma fuga para mim. Hoje é uma realização, na época eu estava buscando fazer novos amigos e novas amizades, conhecer outras pessoas e aí foi onde eu formei minha nova família, a UNATI é a extensão da minha família (Rosa, 2023).

Rosa enfatiza a sua relação com a UNATI a partir da inclusão educacional, que independe de sua faixa etária, ou seja, o ponto de partida é a formação e não a ideia que já é uma pessoa idosa. Porém esse sentimento de pertencimento de Rosa ainda esbarra na pouca convivência que tem com os outros estudantes jovens da Universidade. Segundo Rosa, Camélia e Margarida, ainda são poucos os momentos que proporcionam o convívio intergeracional. Por essa razão sinaliza que a primeira ação realmente prática para esse encontro foi o Projeto de Ensino “Lembranças Cotidianas: construção com as memórias dos/as alunos/as da Universidade Aberta à Terceira Idade (UNATI)”, o qual possibilitou essa troca de saberes entre os jovens (bolsistas e voluntários) e as pessoas idosas no ensino superior.

Considerações Finais

Ao traçar essas memórias, percebe-se, pelos depoimentos, que a chegada da Universidade Aberta à Terceira Idade, produziu um sentimento de pertencimento, encontrado na construção da identidade dessas mulheres, pois a UNATI permitiu uma interação entre as próprias pessoas idosas, entre elas e os professores, entre elas e o mundo digital, criando assim uma concepção de educação voltada para esse público-alvo.

Esse pertencimento também é encontrado nos depoimentos, quando mostram que a UNATI/UESC, através do “Novas Janelas para a Maturidade” possibilitou o afastamento da solidão, do preconceito do “ser velho”, permitindo, desta forma, um saber-se dentro de envelhecimento com mais independência e autonomia. Além disso, percebemos que a UNATI/UESC se diferencia das demais existentes, pois possibilita que os alunos possam ser alunos e, ao mesmo tempo, professores.

Sendo assim, pelos testemunhos das nossas interlocutoras, todas sinalizam que a UNATI se materializa como uma política educacional de inclusão à diversidade etária da Universidade Estadual de Santa Cruz, pois cria a possibilidade de um ambiente para trocas de experiências e de convívio entre as gerações. Entretanto, cabe agora a UNATI ser descoberta pelos cursos de Licenciatura da Universidade.

Referências

ALENCAR, M. S. S; CARVALHO, C. M. R. G. O envelhecimento pela ótica conceitual, sociodemográfica e político-educacional: ênfase na experiência piauiense. **Interface**. v.13, n. 29, p. 435-444, 2009.

ARROYO, Miguel Gonzalez. A educação básica e o movimento social do campo. *In*: ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por uma educação do campo**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BERNARDO, T. **Memória em Branco e Negro**: olhares sobre São Paulo, Editoras Educ., FAPESP, Unesp, 1ª reimpressão, São Paulo, 2007.

BRASIL **Lei N° 10.639**, de 09/01/2003: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2003/L10639.htm. Acesso em: 06 jun. 2012.

BRASIL. Estatuto do Idoso: **Lei N° 10.741**, de 01 de outubro de 2003. Secretaria Especial dos Direitos Humanos. Brasília, 2004. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10741.htm. Acesso em: 15 maio 2024.

BRASIL. **LEI N° 8.842**, de 04 de janeiro de 1994. Dispõe sobre a Política Nacional do Idoso. Brasília, DF, 1994. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8842.htm. Acesso em: 13 maio 2024.

BORGES, E. M. F. A Inclusão da História e da Cultura Afro-brasileira e Indígena nos Currículos da Educação Básica. **Revista Mestrado em História**, Vassouras, v. 12, n. 1, p. 71-84. 2010.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

BOURDIEU, P. A Ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO Janaína (Orgs.). Trad. Luiz Alberto Monjardim, Maria Lúcia Leão Velloso de Magalhães, Glória Rodriguez e Maria Carlota C. Gomes. **Usos e Abusos da História ORAL** 5. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p.181-191.

BOURDIEU, P. Gostos de Classes e Estilos de Vida. *In*: Renato Ortiz (Org.). **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho D' Água, 2003, p. 73-111.

BOURDIEU, P. O Novo Capital. *In*: **Razões Práticas**: Sobre a Teoria da Ação. Tradução de Mariza Corrêa. 8. ed. São Paulo. 2007, p. 35-52.

BOURDIEU, P. O Habitus e o Espaço dos Estilos de Vida. *In*: **A Distinção**: Crítica Social do Julgamento. Tradução: Daniela Kern e Guilherme j. F. Teixeira. São Paulo. Edusp. 2007b. p. 434-447.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis vozes 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 25. ed., 1996.

FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. Editora Rio de Janeiro; Paz e Terra. 1986.

HAGE, S. A. M. A. (org.). **Educação do campo na Amazônia**: retratos de realidade das escolas multisseriadas no Pará. Belém/PA: Gráfica e Editora Gutemberg Ltda, 2005.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Ed. Centauro, 2013.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 8. ed. São Paulo: Hucitec, 2004.

MOREIRA, J. T. S. **A Igreja e a Praça: os batistas da cidade de Itapetinga-Bahia (1938-2013)**. PUC/SP, 2016.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. Belo Horizonte: Autêntica editora, 2009.

NETI. Núcleo de Estudos da Terceira Idade da UFSC. História do núcleo de estudos da terceira idade. Florianópolis. **NETI**, 2007. Disponível em: [http://NETI-UNAPI – Universidade Aberta para as Pessoas Idosas \(ufsc.br\)](http://NETI-UNAPI – Universidade Aberta para as Pessoas Idosas (ufsc.br)). Acesso em: 25 maio 2024.

NORA, P. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. *In: Projeto História*, PUC/SP nº 10, p. 7-28, dez. 1993.

QUEIROZ Z. P. V.; NETTO M. P. Envelhecimento bem-sucedido: aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais. In: NETTO M. P (Org.). **Tratado de gerontologia**. 2. ed. São Paulo: Atheneu; 2007. p. 807-815.

UESC. **RESOLUÇÃO/CONSEPE Nº 03/2004**. Ilhéus/BA, 2004. Disponível: http://www.uesc.br/projetos/unati/index.php?item=conteudo_historico.php. Acesso em: 13 maio 2024.

UESC, Universidade Estadual de Santa Cruz. **Nossa História. Universidade Estadual de Santa Cruz**. http://www.uesc.br/a_uesc/index.php?item=conteudohistoria.php. Acesso em: 16 abr. 2024.